



Um inventário de letreiros em Belo Horizonte na década entre 1932 e 1942.

Rafael de Freitas Silva Maia;
Maria Regina Álvares Correia Dias

Resumo:

A presente pesquisa propõe um inventário de letreiros do hipercentro de Belo Horizonte. O foco é dirigido aos edifícios em estilo *Art Déco* e protomodernos. Após a análise inicial do material pesquisado, concluiu-se que a mais antiga construção vertical que possui tipografia arquitetônica nominativa em sua fachada data de 1932, o que orientou o marco inicial do recorte temporal. Esse momento de reconstrução a partir de uma ideologia modernizante tem na própria cidade o marco que baliza o período da investigação: o projeto para a Pampulha, de 1942. A pesquisa revelou 22 edifícios, 24 letreiros e 24 tipos de letras que atenderam aos critérios de localização e do recorte temporal estabelecidos para o presente estudo. Frequentemente ignoradas, as inscrições nominativas são elementos importantes do patrimônio material de Belo Horizonte. Registrar e coletar dados sobre os letreiros são premissas desta investigação e ferramentas para a catalogação desse patrimônio latente.

Palavras-chave:

patrimônio; memória gráfica; tipografia.



1. Introdução

Objetos ordinários decorrentes do design estão espalhados em nossas vidas pessoais e na esfera coletiva, seja por sua presença física ou pelas memórias a eles vinculadas. O espaço urbano, apinhado desses artefatos, é continuamente modificado pelas necessidades de uso e representação das pessoas que dele se apropriam ou sobre ele exercem poder (Oliveira, 2021). Este artigo se interessa especificamente por letreiros em edifícios *Art Déco* e Protomodernos no hipercentro de Belo Horizonte.

Frequentemente ignoradas pelos transeuntes, as inscrições nominativas são elementos importantes do patrimônio material de Belo Horizonte. Grande parte está danificada ou com sua visualização prejudicada por anexos arquitetônicos, placas de sinalização de trânsito, engenhos de publicidade irregulares, cercas elétricas, falta de manutenção e até projetos de reforma mal-executados.

Coletar e registrar dados sobre essas inscrições – tais como identidade do edifício (nome, endereço, uso original, uso atual, referências de localização, nome do arquiteto e data de construção), dados sobre a tipografia na fachada da edificação, com especificações sobre o tipo de letra, composição, materiais utilizados e seu estado de conservação – são o objetivo da presente pesquisa, que constitui-se como um inventário de fundamental importância para a catalogação desse patrimônio da cidade de Belo Horizonte.

A capital de Minas Gerais foi planejada e construída no final do século XIX com o objetivo de substituir Ouro Preto como sede do governo estadual. A onda de prosperidade que imperou entre a implantação da República (1889) e o fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) sedimentou o traçado urbanístico proposto por Aarão Reis¹ e contribuiu para o surgimento de uma nova ordem no tratamento das questões urbanas que tem no processo de verticalização um de seus afluentes. Essa metamorfose radical do Hipercentro, onde são construídos os primeiros edifícios verticais belo-horizontinos, coincide com o período em que ascenderam o *Art Déco* e o Protomodernismo, focos da presente investigação.

Para essa abordagem, adota-se a versão de que ambos estilos são caminhos possíveis para representar a modernidade no segundo quartel do século XX. Ou seja, entende-se que as produções *Art Déco*, protomodernas e modernistas foram distintas e conviveram como opções arquitetônicas no cenário da arquitetura moderna brasileira.

A coleta de dados se deu em duas etapas. A primeira, em campo, quando foi feito o registro fotográfico dos edifícios. O segundo passo foi a complementação dos dados através de consulta aos registros oficiais do Arquivo Público de Belo Horizonte (APCBH), da Diretoria de Cadastro e Informação Urbanística – Cadastro de Projeto de Edificação (DCIU-CPE), do Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e da Fundação João Pinheiro (FJP). Ao cruzar a lista gerada em campo com os dados obtidos na pesquisa documental, restaram os 24 letreiros inventariados nesta pesquisa.

Após a análise do material, conclui-se que o mais antigo edifício a se enquadrar nos parâmetros da pesquisa é o Chagas Dória, de 1932, o que orientou o marco inicial do recorte temporal. Seu desfecho se dá com a construção dos primeiros edifícios projetados por Oscar Niemeyer² para o

¹ Aarão Leal de Carvalho Reis (Belém/PA, 1853 – Rio de Janeiro/RJ, 1936). Geógrafo, engenheiro civil, professor, político e urbanista. Estudou na Escola Politécnica do Rio de Janeiro e filiou-se de modo engajado na pregação dos ideais republicano e positivistas. Projetou a cidade de Belo Horizonte (Rodrigues, 2016).

² Oscar Ribeiro de Almeida Niemeyer Soares Filho (Rio de Janeiro/RJ, 1907 – Rio de Janeiro/RJ, 2012). Arquiteto e urbanista. Formou-se pela Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro e destacou-se como uma das



Complexo da Pampulha em 1942, que, apesar de não se situarem no Hipercentro de Belo Horizonte, são referência mundial da arquitetura moderna³ instalados na cidade. Abre-se, portanto, uma janela de dez anos seminais para a consumação do Modernismo na capital mineira.

2. Metodologia

Entende-se que uma abordagem metodológica ideal para a investigação das paisagens tipográficas deve necessariamente envolver, além de protocolos criteriosos para a coleta e sistematização de dados, procedimentos coerentes de análise e interpretação. Tais dados devem permitir a identificação de especificidades culturais e a comparação de casos em locais e tempos diferentes (Gouveia *et al.*, 2007).

O projeto Paisagens Tipográficas⁴ surge em 2003 para investigar os elementos tipográficos inseridos no panorama das cidades. Ao evidenciar e organizar elementos até então despercebidos, contribui para a memória, a identidade e o patrimônio das cidades (Gouveia *et al.*, 2007). Para o levantamento realizado na cidade de São Paulo, foi desenvolvido um sistema de fichas que orienta a pesquisa de campo e a catalogação dos dados. O procedimento foi adaptado e utilizado na pesquisa *Tipografia arquitetônica nominativa carioca* (Salomon, 2011). Sua abordagem, assim como a desta - pioneira na utilização das fichas em Belo Horizonte - objetiva a classificação exclusivamente da tipografia nominativa e o faz a partir de duas fichas (A e B).

- Ficha A: dados sobre a identidade do edifício, como nome, endereço, uso, referências de localização, nome do arquiteto, estado de conservação, data do projeto e estilo arquitetônico.
- Ficha B: dados sobre a inserção do nome do edifício na edificação, como medidas, autoria, localização visual, estado de conservação, classificação tipográfica e materiais utilizados.

Ao longo de quatro dias (5, 12, 19 e 26 de março de 2023), percorri todas as ruas demarcadas pelo Plano de Reabilitação do Hipercentro de Belo Horizonte (PBH, 2007) e fotografei as tipografias que por ventura interessariam à pesquisa e as fachadas onde estão aplicadas. O foco foi destinado aos primeiros prédios verticais modernos da cidade, fossem eles de uso residencial, comercial ou misto. O inventário restringe-se, portanto, a exemplares presentes na cidade na ocasião das visitas de campo. Ainda às cegas quanto ao período em que os projetos foram aprovados, sua autoria e mesmo sobre se as estruturas tipográficas estariam ali desde sua inauguração, foram catalogados sessenta exemplares genéricos.

Em posse desses dados, marquei a primeira visita ao Arquivo Público de Belo Horizonte para pesquisar informações relativas à data de aprovação dos projetos e a suas autorias nas plantas dos edifícios. Para a presente pesquisa, atribuo a autoria do projeto ao responsável técnico que o assinou no ato de sua aprovação pela Prefeitura de Belo Horizonte. As datas atribuídas ao edifício também se referem às dispostas em suas plantas e demais documentos. Após a verificação desse dado, restaram as 22 construções mapeadas na Figura 1.

principais figuras da arquitetura moderna brasileira e internacional. Teve atuação decisiva na consolidação do modernismo no país, com projetos de grande relevância institucional e simbólica.

³ O Conjunto Moderno da Pampulha recebeu o título de Patrimônio Mundial pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) durante a 40ª Reunião do Comitê do Patrimônio Mundial. Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/820/> Acesso em 25 nov. 2024.

⁴ Paisagens Tipográficas foi desenvolvido a partir da parceria entre os grupos de pesquisa Tipografia e Linguagem Gráfica (credenciado no CNPq pelo Centro Universitário Senac) e Tipografia Arquitetônica (credenciado no CNPq pela UNICAMP, com o apoio da CAPES, do CNPq e da FAPESP).



Figura 1 – Mapeamento dos 22 edifícios
Fonte: Arquivo do autor (2024)

3. Resultados e Discussão

Com base nos critérios estabelecidos pelo sistema de fichas, foram identificados padrões e peculiaridades que exprimem um panorama da tipografia arquitetônica nominativa no Hipercentro de Belo Horizonte entre as décadas de 1930 e 1940. As informações referentes aos 24 letreiros (Figura 2) são aqui interpretadas numa análise para compartilhar dados estatísticos e notas do autor que podem auxiliar futuras investigações. A pesquisa qualitativa e os dados numéricos foram tratados de maneira a compilar as informações contidas nas 48 fichas (23 A e 25 B), 21 plantas de fachadas e nos demais documentos que complementam o presente inventário.



Figura 2 – Os 24 letreiros que compõem o presente inventário
Fonte: Arquivo do autor (2023)



Quinze arquitetos assinam a autoria dos 22 imóveis inventariados. Foi possível encontrar o projeto de fachada original de 95,4% dos edifícios; desse total, 63,6% no APCBH, e 36,4% no DCIU-CPE. Um dos contornos da pesquisa restringiu a coleta de edifícios em estilo Art Déco – 68% do total – e protomodernos – 32% restantes. A maior parte dessas construções (59%) está em bom estado de conservação, contra 41% degradadas ou modificadas.

Quanto aos atributos formais dos letreiros, a análise foi sistematizada com base nas sete categorias da ficha B: tipo de letra, uso ortográfico, peso, inclinação, material, relevo e alinhamento. Os exemplos executados em fontes *display* são maioria e somam dez unidades. São seguidos por cinco exemplos em fonte cursiva, quatro serifadas e os outros quatro sem serifa.

Dentre os 24 letreiros inventariados, somente dois tiveram sua autoria identificada. O Edifício Oyapoc já apresentava no projeto do arquiteto Francisco Zimmer Westphal a sinalização executada em sua fachada, o que nos leva a considerá-lo criador da tipografia (Figura 3). Já no Edifício Mauro Queiroz foi encontrada uma placa próximo à portaria onde consta nome e endereço da Officina Baragli (Figura 4), serralheria de Bernardo (Itália, 1861 – Belo Horizonte/MG, ?) e seu filho João Baragli (Itália, 1888 – Belo Horizonte/MG, 1960), ferreiros que chegaram ao Brasil no ano da fundação da nova capital de Minas, em 1897, e cuja atuação é registrada em Belo Horizonte desde a década de 1910 (Filgueiras, 2016).



Figura 3 – Planta e fotografia da fachada do Edifício Oyapoc
Fonte: APCBH/SMARU e Arquivo do autor (2023)



Figura 4 – Placa da Officina Baragli afixada no Edifício Mauro Queiroz
Fonte: Arquivo do autor (2023)

Uma relevante modificação no sistema de fichas foi a inclusão do item referente ao estado do letreiro. Estudos pregressos realizados em São Paulo e Rio de Janeiro avaliaram somente as condições do edifício, porém ao longo desta pesquisa percebeu-se que haviam especificidades que lesam a condição da tipografia arquitetônica nominativa. Na presente amostra, 62,5% dos letreiros estão numa



situação ruim. Isso inclui os que têm sua leitura afetada pela presença de cercas elétricas, canos, concertinas, *spots* de luz, placas que indicam a numeração, alteração na cor do material (devido a falta de manutenção adequada) e uma banca que atrapalha o acesso ao letreiro do Edifício Santos.

A partir de registros fotográficos encontrados no MHAB, concluímos que as tipografias arquitetônicas nominativas do Edifício Rex e do Colégio Imaculada Conceição já foram substituídas. As peças originais não foram encontradas, o que também as elenca entre as que se encontram em mal estado. No caso da instituição de ensino, o letreiro atual teve letras suprimidas, assim como as amostras presentes nos edifícios São Marcos, Ouro Preto e Guimarães, que teve um registro do “G” que lhe falta devido a presente pesquisa pelo zelador do prédio. A imagem revela também que a curvatura da terminação da letra “E” foi alterada em um provável ato de vandalismo.

A interpretação dos dados desta pequena amostra revela um complexo heterogêneo. Em alguns casos, foi possível identificar integração entre elemento tipográfico e arquitetura a partir de matrizes culturais comuns aos desenhos de letras e à linguagem aplicada à construção. Os letreiros para Piraquara, Imperial Palace, Oyapoc, Claudio Manoel, Alcazar, São Paulo, Santos e Randrade, todos catalogados como “*display*”, possuem tantas características modernas quanto os edifícios em que estão aplicados.

4. Conclusões

Se a inserção dos artefatos na cultura, na memória e na identidade é a meta principal dos Estudos da Memória Gráfica (Farias e Braga, 2018), o inventário é, então, o ponto de partida. Esta é uma iniciativa precursora e, por isso, centelha para futuras pesquisas sobre a presença de elementos tipográficos em Belo Horizonte e fonte para estudos comparativos entre demais localidades inventariadas sob a mesma premissa. A estruturação e constituição de seu *corpus* dilata a percepção sobre a cultura visual e material belo-horizontina e revela uma amostra de artefatos alheios à maioria de seus cidadãos. Trazidos à tona, os 24 itens compõem um acervo de fontes primárias de material gráfico para futuras consultas e repertório para novos projetos e linguagens visuais.

Há de se exaltar o caráter genuíno do trabalho dos arquitetos presentes nesta pesquisa. Notáveis 22 verticalizações desenhadas por quinze projetistas são de antemão um panorama arquitetônico do período entre as décadas de 1930 e 1940 em Belo Horizonte. O acervo de tipografias *display*, maioria entre os artefatos aqui descritos, reitera a diversidade num conjunto que concilia várias configurações formais e de localização.

O fato de não haver informações sobre os itens inventariados expõe uma lacuna em relação aos métodos realizados pelos órgãos de preservação do patrimônio. No caso de inscrições presentes em edificações de interesse histórico, em que a tipografia arquitetônica é parte integrante de um legado considerado relevante, sua documentação é crucial e urgente. Essa discussão remete àquela levantada por Oliveira (2021) sobre as razões de o design brasileiro desse período permanecer ofuscado, o que leva os designers a não reconhecê-lo como elemento da história da cultura projetiva do país e ao quanto são menosprezados por instituições e pesquisadores que lidam com o patrimônio.

AN INVENTORY OF SIGNAGE IN BELO HORIZONTE IN THE DECADE BETWEEN 1932 AND 1942.

Abstract: This research proposes an inventory of signage in the downtown area of Belo Horizonte. The focus is directed toward Art Déco and protomodernist buildings. After the initial analysis of the surveyed material, it was concluded that the oldest vertical building featuring nominative



architectural typography on its façade dates back to 1932, which defined the starting point of the temporal scope. This moment of reconstruction, guided by a modernizing ideology, finds in the city itself the milestone that frames the investigation period: the Pampulha project of 1942. The research identified 22 buildings, 24 signs, and 24 typefaces that met the criteria of location and time frame established for this study. Often overlooked, nominative inscriptions are important elements of Belo Horizonte's material heritage. Recording and collecting data on signage constitute premises of this investigation and serve as tools for cataloging this latent heritage.

Keywords: heritage; graphic memory; typography.

REFERÊNCIAS

FILGUEIRAS, Z. F. **Italianos em Belo Horizonte**: estudo léxico-social e proposta de dicionário. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

GOUVEIA, A. P. S.; PEREIRA, A. L. T.; FARIAS, P. L.; BARREIROS, G. G. Paisagens tipográficas: lendo as letras na cidade. **InfoDesign** – Revista Brasileira de Design da Informação, São Paulo, v. 4, n.º 1, p. 1-11, 2007.

OLIVEIRA, M. D. **Objetos ordinários**: processos históricos de exclusão e de patrimonialização do design no Brasil. Tese (Doutorado em Design) – Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2021

PBH – Prefeitura de Belo Horizonte. **Plano de Reabilitação do Hipercentro de Belo Horizonte**. [S.l.]: Práxis, 2007.

RODRIGUES, B. C. **Ângelo Murgel**: trajetória singular (1932-1939). 2016. 152 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

SALOMON, C. A. X. **Tipografia arquitetônica nominativa carioca**: um inventário da tipografia nominativa dos edifícios tombados no centro histórico da cidade do Rio de Janeiro. 2011. 155 f.; il. Dissertação (Mestrado em Design) – Centro Universitário Senac, São Paulo, 2011.